

OS BANHOS PÚBLICOS DA *LIBERALITAS IULIA EBORA*. ALGUMAS NOTAS SOBRE O SEU ESTUDO

por

Panagiotis Sarantopoulos

Resumo: Esta comunicação visa uma primeira interpretação alargada do complexo balnear romano identificado no subsolo do edifício dos actuais Paços do Concelho de Évora. Tenta-se interpretar estas estruturas recentemente postas a descoberto, em articulação com os demais edifícios romanos já conhecidos. É também abordada nesta comunicação a problemática do abastecimento de água aos balneários no contexto do sistema hidráulico da cidade romana.

Palavras-chave: Évora. Cidade romana. Balneários.

1. O objectivo desta comunicação é, por um lado, trazer à luz parte do levantamento fotogramétrico de um compartimento (quase totalmente escavado) do complexo balnear para oportunamente efectuar o seu enquadramento tipológico e servir de referência para estudos semelhantes e, por outro lado, tentar dar uma interpretação mais alargada dos vestígios já descobertos e a descobrir no subsolo do edifício dos Paços do Concelho de Évora e dos imóveis limítrofes.

Com a descoberta de referências dos séculos XV e XVI, questiona-se a existência de um aqueduto contemporâneo dos banhos.

A implementação e a articulação com os demais edifícios públicos também é analisada.

O recurso aos clássicos, nomeadamente a VITRUVIO, é outra questão a considerar no âmbito das definições sobre as várias nomenclaturas e a funcionalidade de cada compartimento.

2. Embora existam já três publicações acerca da sala de planta redonda – *laconicum*, já escavada em 1987/88, consideramos oportuno levantar aqui algumas questões relativas ao uso das nomenclaturas e às funções dos vários compartimentos de banhos romanos.

Thermae - devem ser assim denominados os grandes edifícios imperiais e os outros que foram copiados daqueles, cujos principais compartimentos ladeavam

um eixo central e incluíam áreas para a realização de exercícios físicos e de lazer. Ao contrário, com o termo *Balneum* definem-se edifícios mais pequenos que compreendem apenas os compartimentos fundamentais aos banhos (STACCIOLI, 1955, 1958). Por estes motivos, parece-nos prematuro assumir como irrevogáveis as definições até agora empregues, dado que as áreas escavadas são muito limitadas. Pensamos que, com a continuação das escavações arqueológicas, será possível no futuro precisar a nomenclatura dos compartimentos e da estrutura balnear. Por enquanto, sobre o complexo vamos utilizar os termos Banhos Públicos e Balneário.

Questionamos também a classificação da sala redonda como *laconicum* dado que as descrições de VITRUVIO acerca destes compartimentos sempre levantaram dificuldades na sua interpretação. Lugari defende que *laconicum* era o sistema de aquecimento debaixo do *sudatium*. Hartman por seu lado, acredita que as *sudationes* de VITRUVIO eram as absides do *laconicum* onde a temperatura era mais alta. De Angelis D' Ossat aceita que o *laconicum* era uma sala destinada a banhos de vapor, enquanto o *sudatium* era uma simples sala com *hipocaustum*. Delorme defende que o *laconicum* não era destinado a banhos de vapor, mas apenas para provocar sudação.

Observando a planta - Est. III - consideramos o seguinte:

À sala redonda - A - escavada e identificada em 1988 como *laconicum*, acrescentamos agora algumas medidas que nas anteriores publicações não foram incluídas. A espessura das paredes da sala, nas partes mais estreitas, varia entre 1.15 e 0,95 m; a cota do pavimento da entrada original situa-se nos 298,26m; a espessura deste mesmo pavimento, neste ponto é ± 11 cm; a altura entre o pavimento do tanque e o fecho da abóbada do sec. XVI é de 7,30m, algo inferior à altura a que estaria a abóbada romana se os construtores tivessem seguido as regras vitruvianas (as quais para este espaço exigiriam a altura de 9m, igual ao diâmetro); as alturas dos degraus do tanque, de cima para baixo, são 0,32, 0,40, e 0,46 m respectivamente; a dimensão dos tijolos na parede - est. V - varia entre 22 cm(21) x 7 cm.

O arco visível na parte inferior esquerda da est. V conduz-nos à zona - B - (Est. III). As sondagens que efectuámos nesta zona (1991/92) revelaram estruturas relacionadas com o *prae-furnium*. Esta zona foi mais perturbada do que a sala - A -, ao longo dos tempos. Por enquanto não está claro se se trata de aquecimento da sala adjacente ou se era um sistema central que servia várias salas.

A Norte da sala redonda temos indícios de outra sala circular - D -, que somente podemos conjecturar ser formalmente semelhante ao espaço - A - uma vez que a sala - D - ainda não foi escavada, e a sua leitura apenas pode ser tentada através da planta do piso térreo.

A Sudoeste do espaço - A - situa-se o átrio do edifício da Câmara Municipal de Évora. Por baixo do actual pavimento poderão vir a encontrar-se um ou mais compartimentos ortogonais do edifício romano, possivelmente destinados a banhos quentes. Na parte central, inferior da est. V, pode ver-se o fecho de um vão que pensamos dará ligação a esse(s) compartimento(s).

3. O abastecimento de água a Évora com recurso apenas aos poços existentes no seu interior foi sempre problemático. Para superar esta dificuldade, foi construído o aqueduto no século XVI, conduzindo a água da zona da Graça do Divor, onde ela ainda existe em abundância. Já antes da construção deste aqueduto, Mestre André de Resende defendeu a existência de um aqueduto romano. No entanto, em épocas mais recentes a posição de Resende foi muito contestada, com alegações de ausência de referências documentais ou de vestígios arqueológicos que comprovassem o aqueduto romano. Contudo, esta não é a nossa posição. Efectivamente há referências documentais que podem indiciar a existência de um aqueduto anterior ao século XVI, vulgarmente denominado da “Água da Prata” ou “Cano Real”. No espaço intra-muros temos referências à Rua do Cano - por exemplo, em documento de 1412 - LIVRO DO ACENHEIRO, F. 28, Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora -, no espaço extra-muros encontramos referências aos “Arcos do Divor” datadas de 1321 (CEC - 3 -II, Códice do Cabido da Sé de Évora).

Relativamente a vestígios arqueológicos da possível existência de um aqueduto romano, feliz foi a descoberta dos Banhos Públicos, cujo funcionamento obrigaria a um consumo de água de tal grandeza que muito dificilmente seria satisfeito sem um aqueduto assim como os tanques de água que circulam o templo romano. Assim admitimos que o Aqueduto da “Água da Prata” reconstruído no século XVI possa tê-lo sido segundo traçado romano, ou utilizado parte do primitivo traçado. Oportunamente tencionamos levar a cabo um estudo do Aqueduto no âmbito do nosso projecto de investigação.

É possível que a implantação do Balneário naquele local possa ter sido condicionada pelo traçado e cotas do Aqueduto. Por isso o estudo da problemática do abastecimento de água à cidade não é menos prioritário do que o estudo dos próprios Banhos.

4. Para os romanos, a cidade ideal devia ter planta hipodâmica. Cruzadas em ângulo recto, as ruas definiriam quarteirões entre si, rectangulares ou quadrados: *insulae*.

Na prática a planta perfeitamente ortogonal é rara. No caso de Évora não houve excepção, o próprio acidentado do terreno (Templo romano: cota - 307m, Balneário - 298,26m, Casa Romana com Frescos ± 295m) não permitiu o urba-

nismo ideal.

À semelhança do Templo, o Balneário - também edifício público - está situado numa zona central da antiga cidade romana, numa plataforma ideal para instalação deste tipo de empreendimentos, e muito próximo daquele monumento - a ± 80 *passus* de distância do perímetro do pórtico do Templo.

A seguir tentamos apresentar as confrontações - est. II - do quarteirão onde se inserem os Paços do Concelho e demais imóveis. Assim temos:

- **Noroeste** do quarteirão: - Actualmente: Rua de Olivença - ocupa parte do demolido Convento do Salvador. - Na época romana: Muralha romana e *pomerium*(?)

- **Nordeste**: - Actualmente: Rua de D. Isabel. - Na época romana: *cardine* que passaria na Rua da Corredoura atravessando a porta romana (a única que sobreviveu), perdendo-se o seu percurso no pátio da casa da Família Fernandes.

- **Sudoeste**: - Actualmente: Praça de Sertório (O mito do Palácio de Sertório sobreviveu neste caso na toponímia). - Na época romana: *cardine* que recentemente foi detectada no logradouro da Casa Nobre da Rua de Burgos (Sede do Instituto Portugues do Património Arquitectónico e Arqueológico - Direcção Regional de Évora) e que se prolongaria em direcção à Praça de Sertório.

- **Sudeste**: - Actualmente: Largo Alexandro Herculano. - Na época romana uma *decumani* poderia partir do Palácio da Inquisição, passando pelo alinhamento do edifício do Instituto do Emprego e Formação Profissional do Alentejo e atingindo o topo da Praça de Giraldo; outra hipótese menos clara poderia ser a de uma *decumani* cujo traçado passaria pela Travessa das Casas Pintadas. Apesar de admitirmos que a cidade romana pudesse não ter um traçado perfeitamente regular, o levantamento topográfico feito pela Arq^a Erica Husmann. do Instituto Arqueológico Alemão, demonstrou que um eixo da sala redonda - *laconicum* do Balneário - é paralelo ao eixo do Templo, e que ambos são paralelos à parede da casa romana com frescos (na Alcárcova de Cima). Assim, podemos admitir que o complexo Balnear poderá ter uma orientação Noroeste-Sudeste e planta rectangular, se bem que esta hipótese precise ser confirmada com escavações arqueológicas.

Qualquer tentativa de reconstituição da quadrícula romana de Évora que se apoie exclusivamente na fotointerpretação não pode considerar-se definitiva. Para um estudo mais integral do problema será necessário analisar também as plantas dos imóveis e perceber as respectivas relações nos quarteirões onde se inserem. Este procedimento fornecer-nos-ia dados para uma melhor compreensão do traçado de Évora e das suas alterações ao longo dos tempos, porquanto é certo que a cidade se foi reconstruindo sobre pré-existências. Estes estudos implicarão igualmente confirmação arqueológica.

5. Aachamos ainda prematuro classificar áreas do complexo sem ter a noção

do seu conjunto, embora seja possível ir procedendo a um estudo comparativo de harmonia com o avanço das escavações.

Pensamos que, para a compreensão do edifício romano encontrado sob os Paços do Concelho de Évora, será importante o estudo de todos os aspectos que lhe possam estar associados: Aqueduto, castelos de água, canalizações, etc.

O levantamento topográfico exaustivo do quarteirão em que se inserem os Paços do Concelho e o progresso das escavações arqueológicas será igualmente fundamental para tentarmos compreender o edifício romano - *Balneum* ou *Thermae*.

Évora, Outubro de 1993.

AGRADECIMENTOS

Registamos aqui os nossos agradecimentos as seguintes instituições e pessoas: Câmara Municipal de Évora; Sr. Manuel Estanislau Vieira de Barahona (Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Évora); Cabido da Sé de Évora; Dr^a Isabel Cid e D. Eduarda Pássaro (Directora e técnica da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora); Dr. Theodor Hauschild (Director do Instituto Arqueológico Alemão - Delegação de Lisboa); Arq^o Miguel Lima; Dr^a Ludovina Grilo; Dr. Manuel Branco; Sr. Francisco Bilou e Sr. Joaquim Duarte pelos apoios manifestados durante a realização deste trabalho.

FONTES MANUSCRITAS

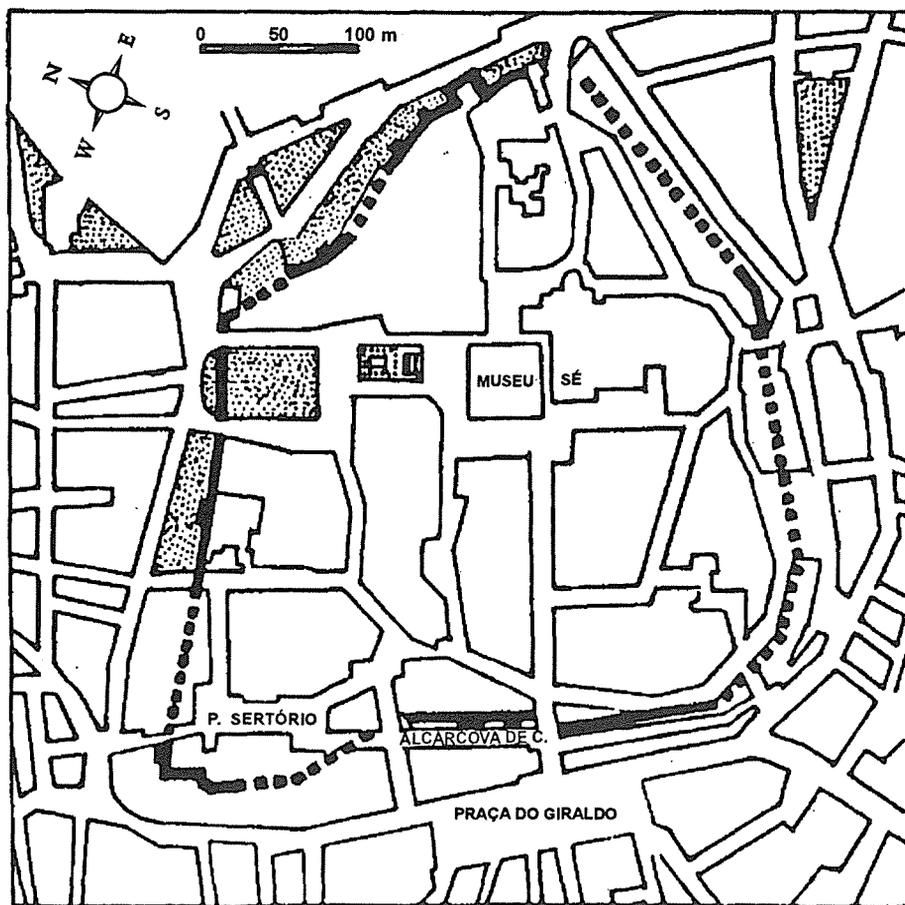
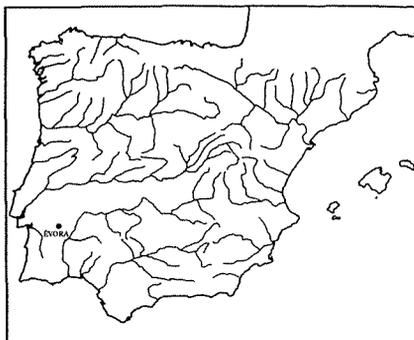
CEC-3-II, Códice do Cabido da Sé de Évora.

LIVRO DO ACENHEIRO, F.28, Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora.

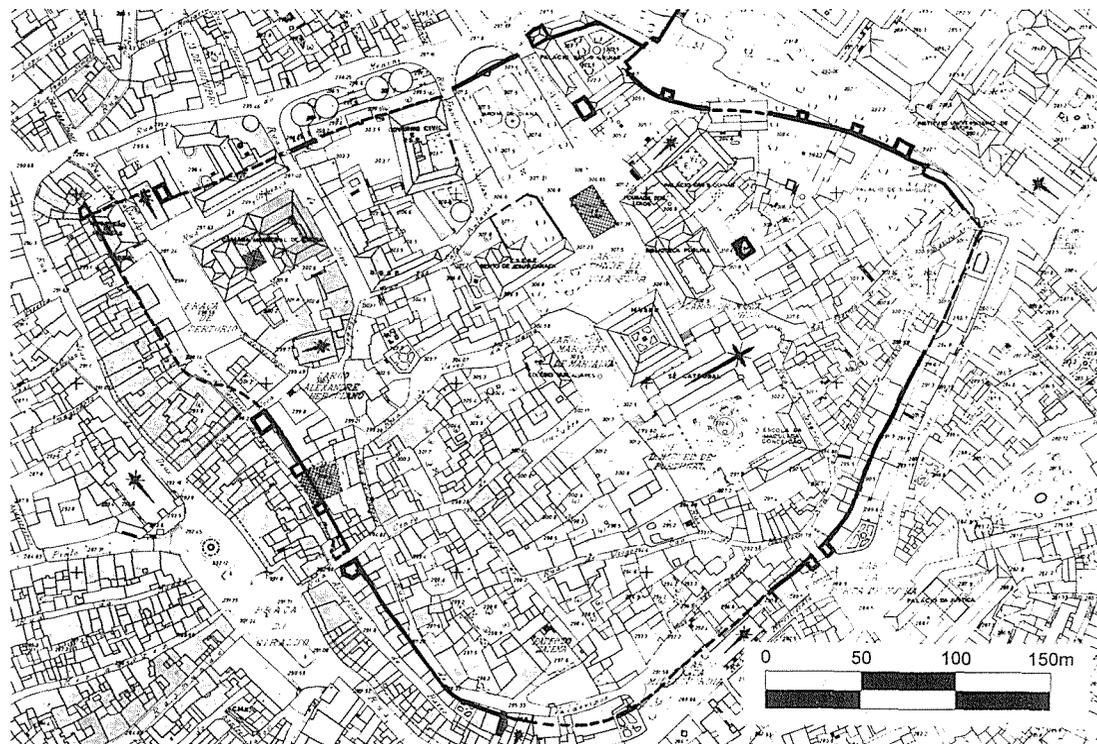
BIBLIOGRAFIA

- CORREIA, V. H., (1987/88), As termas romanas de Évora. Notícia da sua identificação. Separata de *Hvmanitas*, XXXIX-XL, Coimbra.
- Idem, (1991), As termas romanas de Évora. A estratigrafia do Laconicum. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa 1990. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- DE ANGELIS D' OSSAT, G. (1943), Tecnica costruttiva e impianti delle terme, Mostra della romanità. *Civiltà romana*, 23, Roma.
- DELORME, J., (1949), Etude architecturale sur Vitruve V, 11, 2, *Bulletin de Correspondence Hellénique*, 73, Paris.

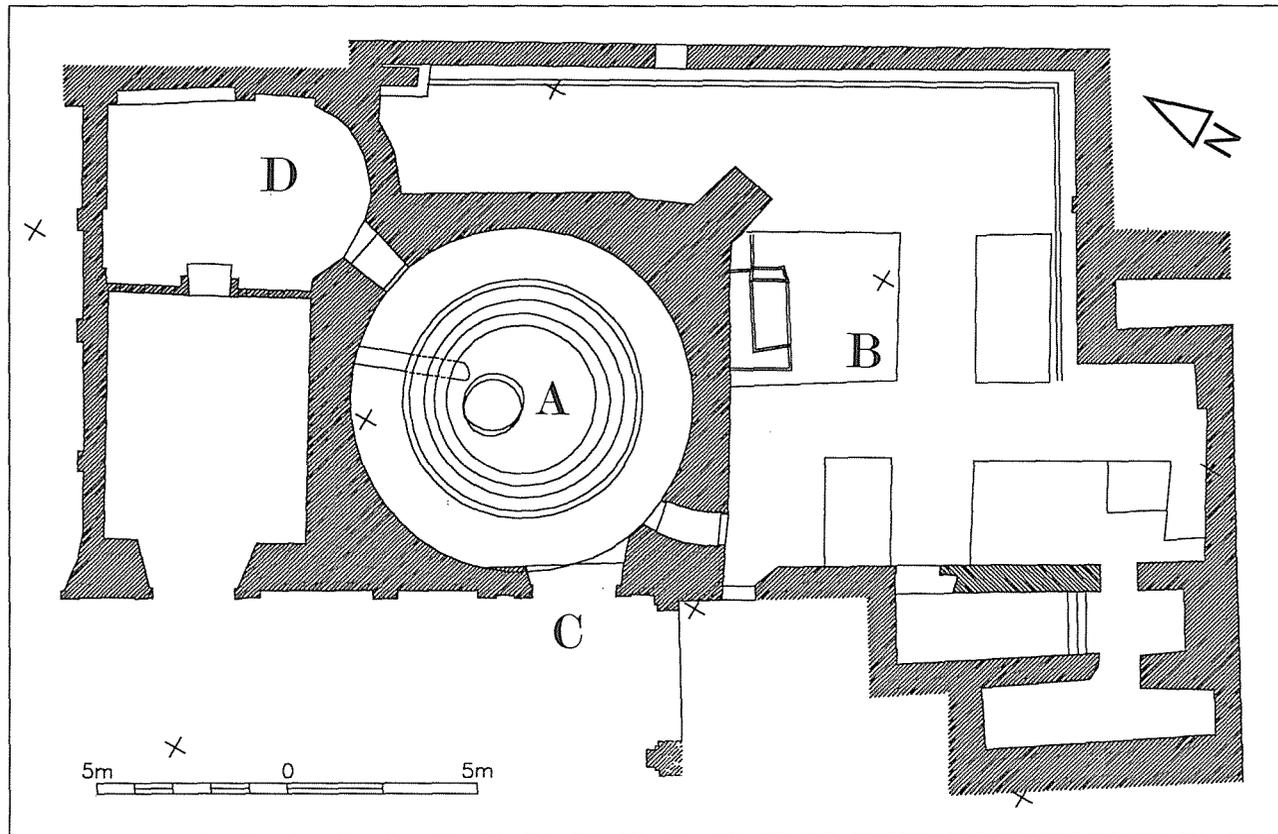
- ESPANCA, T., (1966), *Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora*, vol. VII, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa.
- GRANGER, F., (1934), *Vitruvius on Architecture*, Loeb Classical Library, London.
- HARTMAN, R., (1920), Das Laconicum der romische Thermen, *Mitteilungen des deutschen archaologischen Instituts*. Romische Abteilung, 35, Mainz.
- HAUSCHILD, T., (1991), El templo romano de Évora, *Cuadernos de arquitectura romana*, 1, Murcia.
- LUGARI, B., (1910), *Il laconicum e la sudatio nell antigo bagno romano*, Dissertazioni della Pontifica Academia Romana di Archeologia, s. II, 10, Roma.
- MANTAS, G., (1987), *As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- MENDES, G., A., (1942) O pavimento romano do Palácio de Sertório, em Évora, *Notícias de Évora*, 12/504, Évora.
- SARANTOPOULOS, P., (1986/87), Os banhos públicos “Thermae” da “Liberalitas Iulia Eborae”. Notícia da sua descoberta nos actuais Paços do Concelho de Évora, Separata de *A Cidade de Évora*, 69-70, Évora.
- STACCIOLI, R. A., (1955), Trasse i terme “pompeiane” a Roma, *Amor di Roma*, Roma.
- Idem, (1958), Sugli edifici termali minori, *Archeologia Classica*, 10, Roma.



Planta das muralhas romanas de Évora - segundo Garcia Bellido e Jorge de Alarcão.

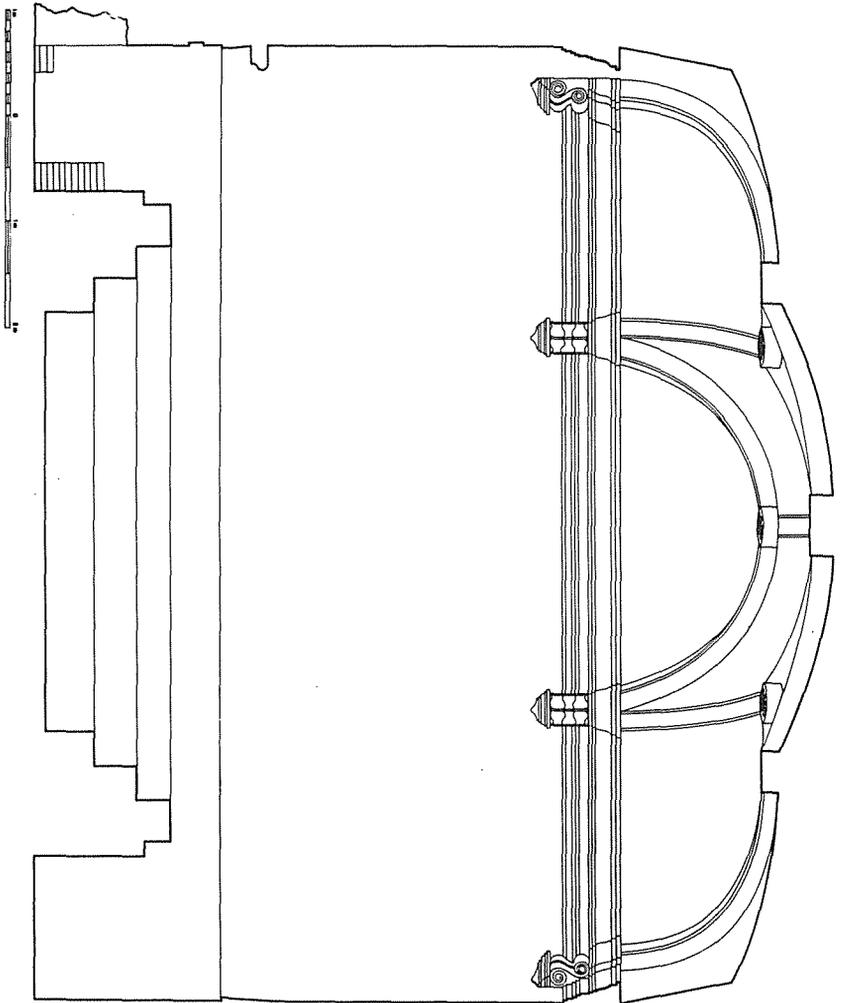


Planta aerofotogramétrica da ARTOP à escala 1:2000 (reduzida aqui) da Cerca Antiga de Évora - seg. Miguel Lima. (————— troços existentes; - - - - - troços hipotéticos; ▨ edifícios romanos).

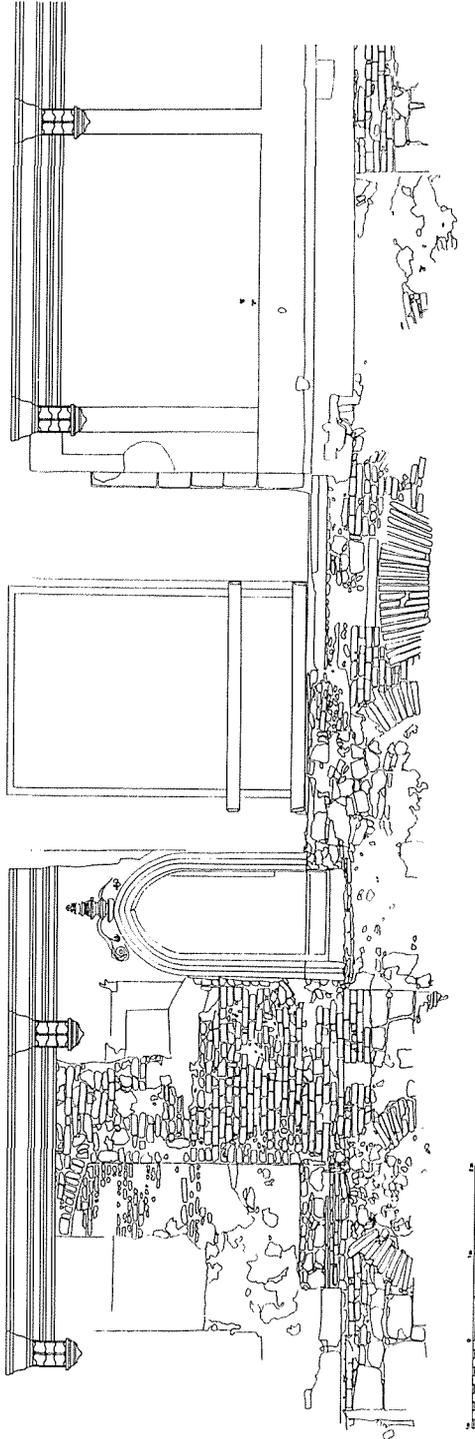


Planta do Balneário Romano (ARTOP): A - *laconicum*; B - *prae-furnium*;
C - sala ortogonal (?); D - sala circular (?).

Est. IV



Corte da abóbada e do *laconicum* na direcção SO-NE (ARTOP).

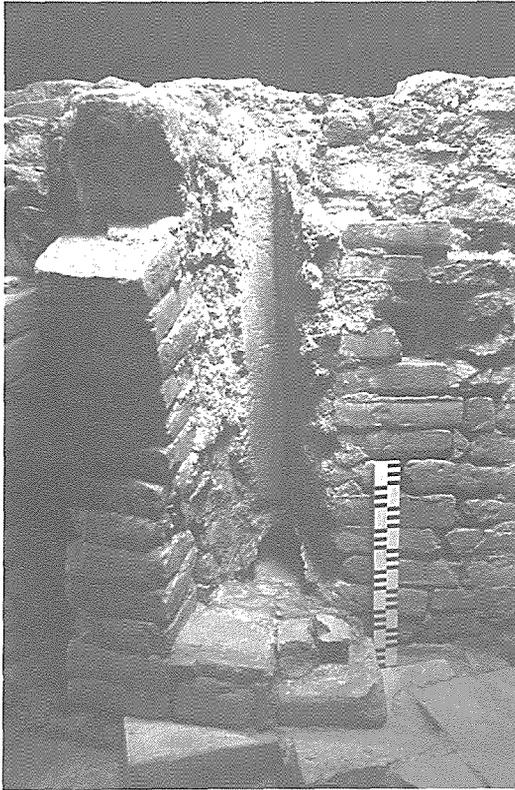


Alçado parcial abrangendo os quadrados Sul e Poente do *laconicum* (ARTOP).

Est. VI



Vista superior do *laconicum*. Foto: CME / M. RIBEIRO.



1. Vista da conduita de adução de água ao tanque do *laconicum*.
Foto: CME / M. RIBEIRO.



2. Vista parcial do *hipocaustum* do *laconicum*. Foto: CME / M. RIBEIRO.

